

DISCURSO EM HOMENAGEM PELO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JOSÉ DE MESQUITA

Benedito Pereira do Nascimento

Numa época em que, mundialmente, são quebradas as tábuas de valores, vive Cuiabá momento tão significativo da sua história.

É o Centenário do Desembargador JOSÉ DE MESQUITA.

No firmamento intelectual e jurídico poucos brilharam em Mato Grosso com intenso fulgor.

Constitui, entre os maiores, justificado orgulho da inteligência e da cultura da sua gente, que nele via cintilar, nas liças judiciárias e literárias, o vigor incomparável do saber.

Segundo dados biográficos anotados pelo seu dileto filho, Doutor Fernando de Mesquita, nasceu em 10 de março de 1892, em Cuiabá, bacharelando-se em Ciências e Letras pelo Liceu Salesiano São Gonçalo e Ciências Jurídicas e Sociais, em 1913, pela Faculdade de Direito de São Paulo, tendo sido orador da turma sob aplausos dos seus colegas.

Na sua longa vida pública, iniciada moço ainda, exerceu os cargos de Professor de Português da Escola Normal, Procurador Geral do Estado, Diretor da Secretaria do Governo, Juiz de Direito da Comarca do Registro de Araguaia, Professor de Direito Constitucional da Faculdade de Direito de Cuiabá e Desembargador do Colendo Tribunal de Justiça de Mato Grosso.

Foi exatamente aqui, na cúpula do órgão colegiado matogrossense, que o eminente Desembargador José de Mesquita, demonstrou, com brilho inextinguível, a sua produção intelectual servindo como um sol e estímulo para as futuras gerações de magistrados e de todos aqueles que se empenham pelo império e culto das letras em nossa terra.

Exerceu a judicatura com proficiência, seriedade e ânimo inquebrantável, merecendo dos seus pares a admiração e a prestigiosa escolha para desempenhar a Presidência da alta Corte Judiciária por onze anos ininterruptos.

O Des. José de Mesquita, durante a sua brilhante trajetória na magistratura, dignificou e honrou a Justiça de Mato Grosso com a sua consciência jurídica e o seu saber, principalmente com a sua envergadura moral.

Criou com o Desembargador Palmiro Pimenta, primeiro Presidente do Tribunal Regional Eleitoral, a revista “*Anais Forenses do Estado de Mato Grosso*”.

Fundador e Presidente da Academia Matogrossense de Letras até o seu falecimento. Sócio-fundador e orador oficial do Instituto Histórico de Mato Grosso. Idealizador da criação da Federação das Academias de Letras do Brasil.

O centenário de nascimento de José de Mesquita, comemorado sob o signo da mais viva expressão cultural, abre ensejo para se avaliar a peregrina obra legada à posteridade no campo das idéias, nascida na poesia e noutros gêneros manejados com maestria, como dizia Maritain “*nas profundezas da alma*”.

Foi, em essência, um autêntico homem das letras, mediante as quais reavivava, sempre, a sua fé em Deus e na prevalência da Justiça.

A sua vida e obra de homem de letras estão, indissolúvelmente, ligadas à História épica de Cuiabá, sobretudo à energia indômita da raça bandeirante.

Amigo diletíssimo do imortal Dom Aquino Correa, católico fervoroso que hauria, como diretriz da convivência social e participação nos bens da vida, forças na religião e na moral.

Reverente, seguia o ensinamento de Stammler *“A cultura é um desenvolvimento no sentido do Justo”*.

O emérito e saudoso ex-Presidente desta Corte, Desembargador Gervásio Leite, em lapidar síntese, traduziu os altos valores que inspiraram a vida e o ideário do Desembargador José de Mesquita:

“Aquele formoso espírito que era a linfa vital desta casa, com os fulgores de sua inteligência de eleição, abriu-se desde logo, às emoções da criação artística, como poeta, romancista, cronista, historiador e jornalista e, ao longo de uma vida plena que se realizou integralmente, na fecundidade na seara do espírito, num labor que nem mesmo a pobreza da vida provinciana parada e pasmada, desestimulou ou tragou, na rotina do quotidiano que abafa as vocações mais vivas.

*Jornalista ao longo de meio século, as páginas da nossa imprensa dão testemunho vivo dessa atividade em que Mesquita era o soldado das horas indormidas nos bastidões de uma fortaleza que jamais se rendeu ao jogo dos interesses escusos ou no silêncio dos que cedo desertam das agruras de sua missão. Nele, o jornalista viveu dia a dia os esplendores de sua missão e as misérias do amargo ofício. Na defesa do seu ideário e nas lutas pelos princípios que sempre defendeu, era de uma bravura impressionante. Os poderosos e os que se pretendem poderosos repetidas vezes foram marcados com o ferrete de sua palavra potente e, assim, nesse meio século de atividades jornalísticas, fez da imprensa uma tribuna onde, passo a passo, ensinava e doutrinava pregando aos homens de boa vontade e ferreteando os maus e os injustos, conversando, como queria Rui Barbosa, *“todas as manhãs para a rua”*, na mesma plenitude de franqueza com que se dirigisse para dentro de si mesmo, porque no seu*

espírito lavrava aquele “incêndio comunicativo da fé nos princípios” e “a paixão ignescente do ódio à tirania”. Jamais lhe salteou o espírito o comodismo dos seus interesses pessoais injustiçados por aqueles que ele marcava com o signo indelével de sua palavra impressiva. Ao contrário, vezes sem conta, podíamos vê-lo na serenidade daqueles que lutando pela verdade não sentem as feridas que o fragor da luta lhes causam. Nunca cedeu, assim, às artimanhas dos poderosos que não lhe podendo calar a voz calavam fundo os seus interesses de cidadão e de pais de família. Ai então surgia, formidável, ao lado do jornalista, o jurista e a campanha que encetava ganhava brilho e majestade porque era o homem desarmado lutando, com destemor, pela verdade e pela Justiça contra o poder dos poderosos que acabavam impotentes e destroçados pelo lutador que hoje reverenciamos. É que Mesquita compreendia o jornal como uma tribuna que só podia ser ocupada pelos nobres de espírito. A imprensa não devia ser o pasquim ou vazadouro das injúrias atassalhantes e onde os homens que comandam a coisa pública desnudam-se expondo as suas mazelas, num espetáculo muitas vezes repugnante. Para ele o jornal era a tribuna da verdade e, encantando com o brilho de sua cultura, ensinava aquelas verdades eternas que não podem ser obscurecidas mesmo nesta época caótica de derrocadas. Para ele o jornal era uma escola e uma cátedra, não o órgão verrineiro que, nas suas colunas mofinas, faz da injúria e da calúnia o pão com que os pasquineiros se nutrem mas o jornal que prega, o jornal que ensina, o jornal que edifica, o jornal que dignifica, o jornal, enfim, que faz da instituição divina da palavra o instrumento ideal de crescimento e seleção do espírito humano. O jornalista que assim prega, que assim edifica, que assim ensina, é aquele que Rui denominou “mestre de primeiras letras”, “catedrático da democracia em ação”, “advogado”, “censor”, “familiar”

e "magistrado". E assim foi o confrade ilustre que a morte nos roubou, cujo convívio a todos encantava pelas maneiras cavalheiresca, pela amenidade do trato, pelos requintes da cortezia que faziam dele um "gentleman" no mais nobre e elevado sentido da palavra.

Mestre das letras e da imprensa devemos recordá-lo na plenitude de sua vida que o destino permitiu que ele realizasse plenamente, e que se eternizasse nos seus filhos os exemplos que deu a sua terra e aos homens de seu tempo."

Esta Corte de Justiça, em administração pretérita, e no Governo do ínclito Dr. Cássio Leite de Barros, como preito de reverência ao insigne Juiz e enaltecendo a sua inteligência e cultura jurídica, colocou, por feliz iniciativa do Dr. Luís-Phillipe Pereira Leite, Padre Wanir Delfino Cesar e Desembargador do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro - Deocleciano Martins de Oliveira Filho, o seu busto em bronze no átrio do Tribunal e, também, instituiu a Medalha Desembargador José de Mesquita para galardoar pessoas que no desempenho da vida pública, por sua obra e serviços, engrandeceram o Poder Judiciário.

De ouvir, em Gente e Coisas de Antanho, o consagrado magistrado e professor, Desembargador Antônio de Arruda, ex-Presidente deste Tribunal, ocupou-se da vida de José de Mesquita com a galhardia que lhe é habitual e que todos reconhecem:

"Ocorre-me aqui uma das impressões mais antigas que guardo de José de Mesquita. Foi quando regresssei a Cuiabá, em 1937, após o meu curso de Direito, e ia assistir às sessões do Tribunal, por ele dirigidas. Naquele tempo, as paixões políticas, exacerbadas pelo processo contra o Governo Mário Correa, tentavam invadir o recinto severo da nossa mais alta Corte de Justiça. Não era fácil opor-se a essa torrente avassaladora, eivada de facciosismo. Mesquita arrostava-se, porém, de ânimo sereno, dominando com dignidade aquele ambiente agitado. Felizmente, foram raros tais momentos de vibração e intolerância. Em épocas normais, pôde José de Mesquita patentear as suas notáveis aptidões

para a liderança. Na galeria dos Presidentes do nosso Tribunal, talvez nenhum outro o avantajasse em finura e elegância. Foi o que exerceu por mais tempo desta função, juntamente com o velho Des. João Martins França; cerca de 11 anos para ambos. ”

De sentir, igualmente, o que a toga poética, vagando entre a consciência cristã e a realidade, produziu:

*“Fazer o bem a quem retribua,
nenhum merecimento, é claro, tem.
Somente é bom esse que continua,
mesmo em troca do mal, fazendo o bem.*

*Não te preocupe o estrépito da rua.
Ouve a tua consciência e mais ninguém.
A ingratidão na alma serena atua
como incentivo que do céu lhe vem.*

*Porque, fazer o bem buscando o útil,
é um torpe traficar com a caridade
e se pagar com a moeda fútil.*

*Mas fazê-lo ao ingrato e ao desleal,
isso é glória, é beleza, é heroicidade:
é, como Deus, pagar o bem por mal. ”*

EMINENTES PARES, a obra bibliográfica do Desembargador JOSÉ DE MESQUITA, singular, admirável e fecunda, é rica em vibrações de paz e espiritualidade.

Bendita, pois, a vida que propicia instantes de enlevo e gratas recordações.

Bendita a vida exemplar, endurecida pela História e pontilhada de trabalho e glória.

Bendita a Magistratura que tem perpetuado em bronze JOSÉ DE MESQUITA.